

I.º ANNO

OUTUBRO DE 1885

N.º 2

O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

Associação propagadora do livre pensamento

Summario

OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME. I Caracter geral da revolução religiosa, por Teixeira Bastos

DEUS E DIABO, por Reis Damaso

A RELIGIÃO E A FAMÍLIA, por José de Sousa — A RELIGIÃO COMO FREIO, por Lacerda e Mello

A RELIGIÃO, Considerações geraes, por Miguel Bakounine

MISCELLANEA

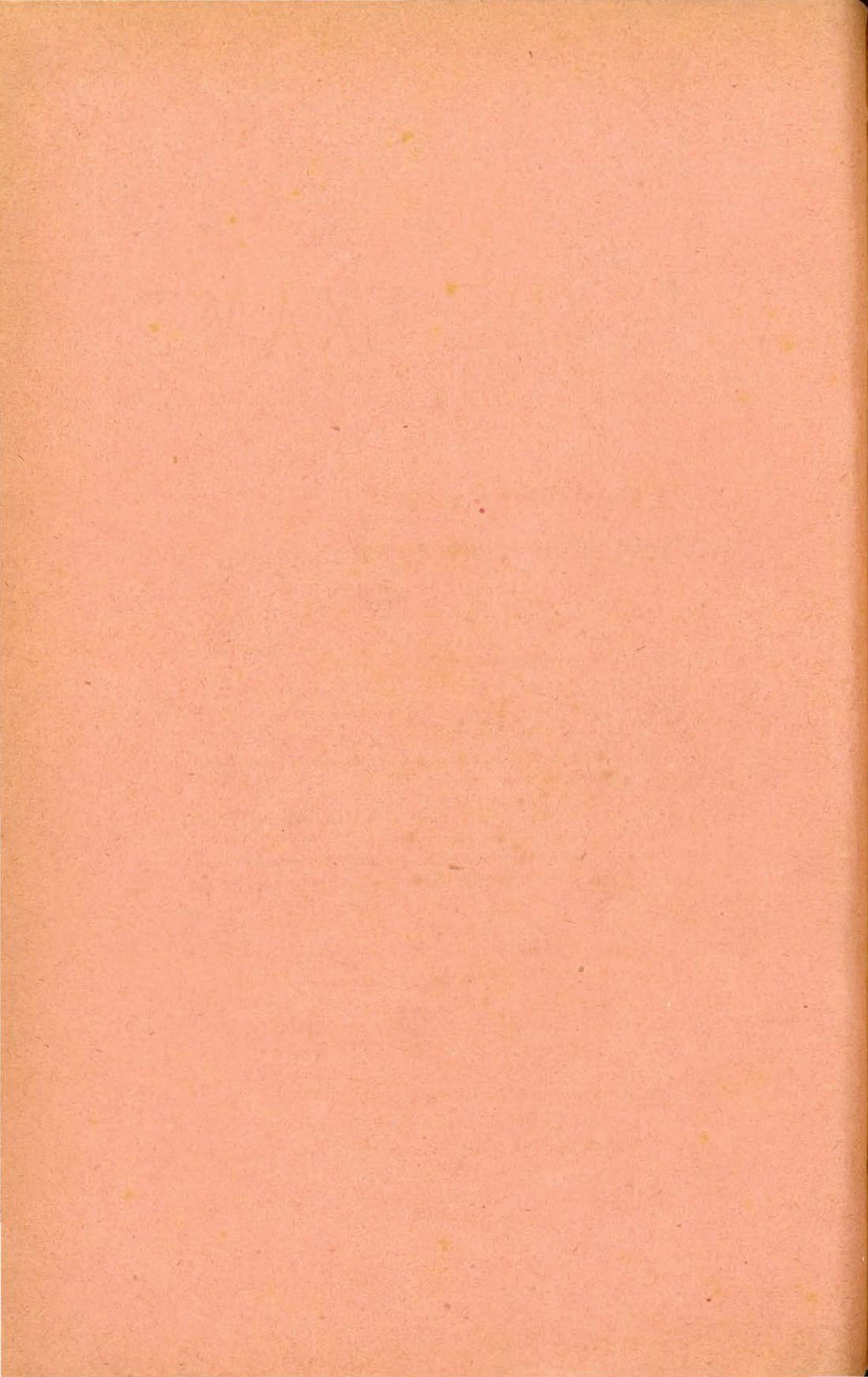
LISBOA

ATHENEU OPERARIO

Cooperativa de Producção Typographica

38 Rua Nova do Loureiro 40

1885



Os livros sagrados do Christianismo e o livre exame

I

CARACTER GERAL DA REVOLUÇÃO RELIGIOSA

A fé sente-se profundamente abalada. A religião catholica perde de dia para dia, cada vez mais, a sua influencia sobre o espirito publico. Eis um facto demonstrado, que cada qual póde constatar, confrontando mentalmente o que se passa hoje em dia no seio da nossa sociedade com o que succedia ha vinte ou trinta annos. As igrejas sempre frequentadas por innumeròs fieis, que prestavam a sua assistencia a missas, a preces, a festas religiosas, para as quaes os sinos incessantemente os convidavam; os confessionarios, sobre tudo na quaresma, rodeados sem cessar de um bando negro e somnolento de arrependidos; as procissões, percorrendo as ruas, com vistosos e interminaveis acompanhamentos de irmãos e devotos; o viatico, a todas as horas do dia e da noite, levando o ultimo conforto aos moribundos, invariavelmente precedido por duas enormes filas de capas encarnadas, e lançando ao vento o ecco atroador e soturno do *bemdito* entoado por uma multidão fanatica que seguia o pallio, de cabeça descoberta e de mãos erguidas ao céo; emfim em todo o povo uma crença sincera ou hypocrita, que se manifestava, no interior de cada domicilio, nas graças levantadas ao Altissimo no fim das refeições, e, no exterior, no cumprimento respeitoso feito a cada portal de igreja, ou a cada nicho de santo com que se deparava no caminho. As cousas, porém, mudaram; e agora os templos, diminutamente concorridos, são mais frequentados ainda assim por um habito inveterado e tradicional de paes a filhos ou por outras razões mundanas como a attracção dos sexos e o gosto pela musica do que por devoção; os confessionarios, mesmo na quaresma, vêem-se quasi abandonados; as procissões, as que ainda se fazem, apresentam acompanhamentos ridiculos pelo numero e pela apparencia dos irmãos, creanças de menos de 15 annos e velhos de mais de 60; o viatico, raras vezes sae, e quando o faz, corrido e enver-

gonhado, atravessa silenciosamente as ruas, acompanhado por especial favor por tres ou quatro soldados da guarda municipal; emfim o povo deixou de crer e de resar e ao passar pelos templos já mal se lembra que ha vinte ou trinta annos se incommodava a tirar o chapéo. Esta transformação, que se deu no espirito publico entre nós, não é de certo um facto isolado que se possa explicar por causas locaes e particulares; tambem não é um phenomeno passageiro ou accidental; antes pelo contrario, devemos consideral-o como um symptoma inevitavel e fatal de uma crise profunda por que passa não só a sociedade portugueza, mas a elite do genero humano.

A descrença geral que constatamos no nosso meio não é a causa da crise dos espiritos, como muitos pertendem; egualmente a crise dos espiritos, a dúvida ou a hesitação entre a fé e a completa negação, não é a causa da decadencia ou dissolução das religiões, em particular do catholicismo. Os termos devem ser invertidos. A queda do monotheismo, o desmoronamento das religiões chamadas positivas, a pulverisação dos dogmas, gerou a crise dos espiritos, a qual por seu turno deu origem á descrença que lavra no seio da nossa sociedade. Ora a ruina dos systemas religiosos procede do desenvolvimento scientifico dos ultimos seculos, effeito necessario da evolução do espirito humano. Portanto a decadencia rapida da fé n'estes vinte ou trinta annos a que nos referimos, significa a passagem da nossa mentalidade de uma para outra phase da civilisação humana. A revolução religiosa prende-se intimamente, é uma consequencia mesmo de uma revolução mais fundamental — a revolução philosophica. Por revolução philosophica entendemos a mudança ou a transformação da concepção do mundo, que é a base ou o ponto de partida de todos os systemas religiosos.

Estabelecida assim a solidariedade entre o movimento philosophico e o movimento religioso e a subordinação d'este áquelle, vemos que todas as descobertas realisadas no campo das sciencias naturaes tinham forçosamente, depois de modificar o primeiro movimento por uma fórmula positiva, de se reflectir no segundo, exercendo sobre elle uma acção toda negativa, de demolição e ruina. Copernico formulando o novo systema solar, Galileu descobrindo o movimento da terra e Kepler traçando as leis a que obedecem os planetas, — fructos da observação astronomica comprovados praticamente na parte respectiva á terra com a passagem do cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias, a descoberta da America por Colombo, a do caminho das Indias por Vasco da Gama e emfim a viagem ao redor do mundo por Fernão de Magalhães, — deram um terrivel golpe nos fundamentos da religião, na sua concepção do universo, pela destruição do erro geocentrico, ponto capital sobre que se baseava o genesis, a missão providencial do povo escolhido e em geral, directa ou indirectamente, todos os dogmas do christianismo. Se nos seculos xv e xvi recebeu a religião tão

fundo golpe da sciencia astronomica, no nosso seculo soffreu um outro não menos certo nem menos doloroso das sciencias biologicas com a descoberta do homem pre-historico, revelado pelas suas ossadas, instrumentos e vestigios de industrias primitivas, e com as conclusões da anatomia e physiologia comparadas, da embriologia, da morphologia, etc., as quaes estabeleceram o parentesco dos organismos e tiraram ao homem as vãs illusões com que docemente se embalava da sua realeza originaria sobre toda a creação. Por esta fórma a destruição do erro anthropocentrico veio terminar o desmoronamento das crenças religiosas, completando a obra das descobertas astronomicas. Larmarch, Darwin, Wallace, Haeckel, etc., com os seus trabalhos sobre a origem do homem em particular e em geral dos organismos, demonstrando que o homem não descendia de um Adão expulso do paraizo em castigo do primeiro peccado, mas se erguera progressivamente de qualquer antigo Anthropoide, o *Anthropopitheco*, sêr inferior, talvez primogenito dos macacos, — theorias amplamente confirmadas pelas descobertas de Boucher de Perthes, Lartet, Evens, Capellini, Carlos Ribeiro, etc., nas camadas quaternarias e terciarias — deram o golpe de graça não só no christianismo, como em todas as religiões reveladas.

A evolução scientifica e philosophica, como vemos, fornece poderosos e irresistiveis elementos para a demolição dos systemas religiosos, elementos que foram e que continuam a ser habilmente aproveitados pela propaganda dos espiritos revolucionarios. A critica, porém, empregando esses factos scientificos como armas de combate e utilizando-as principalmente na destruição violenta de todos os dogmas e crenças, não poude durante muito tempo attingir o seu verdadeiro fim — influenciar sobre a opinião publica, orientando-a no sentido das explicações naturaes e positivas — porque, estando ainda por formar a sciencia social, fez da historia um tribunal de accusação e condemnação de todo o passado humano, sobre tudo da epocha, das instituições e dos acontecimentos ligados ou produzidos pela religião catholica; e por essa fórma attrahia sobre si a antipathia e o odio da grande massa embrutecida no fanatismo e na ignorancia. O seculo XVIII, com Voltaire e Rousseau, viu o apogeu d'essa propaganda philosophica, incompleta pelo desconhecimento das leis dos phenomenos sociaes e pouco proficua por actuar sómente sobre os espiritos illustrados e não se estender ao povo, ao maior e mais importante numero de individuos. A influencia da evolução scientifica e philosophica sobre a revolução religiosa era assim puramente negativa. “Não se procura comprehender as religiões, só se trabalha para se libertar d'ellas.”, N'estas palavras define F. Huet (1) esta phase da propaganda anti-religiosa, e acrescenta: “Levantam-se interminaveis discussões sobre a possibili-

(1) «La Révolution religieuse au dix-neuvième siècle», pag. 6.

dade do milagre, sobre a natureza da alma, sobre a onnipotencia, a bondade e a justiça de Deus. Os factos não se estudam em si mesmos; não se vê n'elles senão a opposição ou a conformidade com as theses do dia e as abstracções metaphysicas. N'este terreno, a theologia, fertil em subtilezas, tinha recursos infinitos, armas desde muito preparadas. Experimentaram-a na questão tão debatida dos milagres; ahí, guardou certa vantagem, porque em geral partia-se então da concepção de um Deus creador e separado do mundo. Transportada para o dominio indefinido das possibilidades abstractas, alimentada pelo inexgotavel arsenal da escolastica, a controversia prolongava-se sem termo., De facto no seculo XVIII, apesar da enorme superioridade do philosopho naturalista Diderot, reconhecida e confessada pelos proprios chefes espiritualistas (1), o deismo abafava inteiramente o movimento materialista e tornava-se a feição caracteristica da metaphysica da epocha, o que nos explica o renome extraordinario alcançado pelo sentimentalista Rousseau e por Voltaire, que admittia Deus como necessario, duvidando da sua existencia. Na luta entre a theologia e a metaphysica theista dos philosophos, ainda assim era Voltaire, quem tinha maiores vantagens sobre os adversarios. D'este facto temos a explicação n'estas palavras do escriptor atraz citado: "Sob um véo de superficialidade, Voltaire ainda é o melhor armado de razões e mesmo de factos; sabe muito, mas toma de todas as mãos e reduz tudo á medida do seu tempo. No fundo, é tambem quem está mais perto do espirito historico, quer ser imparcial e consegue-o algumas vezes., (2)

No presente seculo esta influencia da philosophia sobre a revolução religiosa tornou-se secundaria sob o ponto de vista negativo, mas, com as descobertas e theorias das sciencias biologicas e sociaes, como a embryologia, a morphologia, a anthropologia e a ethnographia, adquiriu ainda maior força e precisão. Manejada a critica philosophica, de ordinario, pelos proprios sabios ou por vulgarisadores de superior merecimento, pelos Haeckel, pelos Drapper, pelos Büchner, tocou talvez a sua maior potencia demolidora; comtudo, na actualidade, as mais decisivas martelladas são-lhe applicadas pelos obreiros da critica historica e da sciencia das religiões, uma e outra desenvolvidas, podemos mesmo dizer creadas, no decurso do seculo actual.

Passando a considerar a revolução religiosa em si mesma, não será difficil demonstrar que a religião christã, desde a sua origem, continha os germens da dissolução, como todo o aggregado de elementos heterogeneos formado em determinadas condições e sujeito á acção de um meio sempre variavel. Basta para isso confrontar os Evangelhos uns com outros e mesmo approximar differentes versiculos de qualquer

(1) Vid. o nosso artigo «Diderot e a philosophia do seculo XVIII» na «Revista de Estudos Livres», vol. II.

(2) Huet, ob. cit. pag. 7.

d'elles para se conhecer a falta de unidade na tradição e na doutrina, isto é, na vida e nas idéas de Jesus. As dissensões e as divergencias nascem com a propria religião e reflectem-se de modo indelevel nos livros que formam o Novo Testamento. Desde os primeiros dias do Christianismo assiste-se logo á opposição ou rivalidade entre Paulo e os discipulos e irmãos de Jesus, segundo os livros sagrados, ou melhor, entre o apóstolo grego e os apóstolos judeus. A unidade, portanto, não existiu em tempo algum, apesar das vãs pertençações da Igreja catholica apostolica romana á representação da christandade universal. Não falaremos aqui, nem sequer enumeraremos a serie infinita de dissensões ou seitas, as *heresias*, que formam na realidade a historia do Christianismo, desde a primitiva divergencia entre ebionitas e docetas e as interpretações theologicas discordes dos Santos Padres até á separação da Igreja do oriente, ás prolongadas lutas provenientes das doutrinas de Arius, á famosa heresia do *Evangelium eternum*, etc., etc., até chegar á revolução protestante. Esta foi mais importante do que as anteriores revoltas contra a unidade catholica pelos seus resultados, sobretudo por ter separado do gremio da Igreja algumas das nações que formam a elite do mundo civilizado e proclamar o direito do livre exame, embora muito restricto e só limitado á interpretação dos livros sagrados. Luthero libertou a consciencia, mas não inteiramente, libertou-a do respeito e da obediencia cega á interpretação da Igreja, ao despotismo da lettra, mas deixou-a presa á fórma, ao reconhecimento indiscutivel da revelação divina. No emtanto, era um passo e um grande passo, devemos confessal-o, para a liberdade do pensamento. A liberdade de examinar livremente as doutrinas do Velho e Novo Testamento, traria mais cedo ou mais tarde á tela da discussão, era inevitavel, o valor dos proprios textos. A difficuldade em pôr de accordo entre si factos oppostos, doutrinas diametralmente contrarias, faria estabelecer mais rigorosos confrontos, levaria á conclusão da impossibilidade, e d'ahi ao exame critico do documento. Foi o que succedeu. Os antigos monumentos de Israel foram sujeitos á critica historica e imparcial, estudados com o rigor do methodo scientifico, analysados minuciosamente como quaesquer outros documentos historicos e emfim reduzidos ao seu verdadeiro valor, tanto historico, como chronologico ou mesmo litterario. Na critica religiosa distinguiram-se protestantes, catholicos e judeus, sobresaindo desde o começo o padre francez da congregação do Oratorio, Richard Simon, e o notavel philosopho Spinoza, descendente de uma familia de judeus portuguezes. São innumerables os trabalhos de critica sobre o Velho Testamento, notando-se os de Kuenen, Ewald, Ewerbeck, Lenormant, Stade, Tuch, Tridon, etc., etc. Convém observar que este movimento de critica religiosa partiu exactamente dos que mais deveriam oppôr-se a elle por interesses pessoais e por preconceitos religiosos, e portanto devemos consideral-o

como uma continuação da decomposição interna das religiões. O desenvolvimento da critica historica estendendo-se de mais em mais, invadiu igualmente o recinto sagrado dos Evangelhos e dos outros livros que formam o Novo Testamento, e foi ahi proseguir na sua obra de destruição e de ruina pela rigorosa applicação dos methodos positivos e historicos. Tal foi a direcção que successivamente tomaram os trabalhos criticos de Herder, de Hess, de Schleermacher, de Hase, de Strauss, de Baur, de Renan, de Keim, de Schenkel, etc., etc.

A sciencia das religiões, fundada sob o criterio de que as manifestações religiosas são phenomenos sociaes, como quaesquer outros, subordinados a leis fixas, veiu por seu lado completar a obra da philosophia e da critica, estabelecendo a comparação e achando a filiação das tradições, das idéas e das praticas que constituem o fundo de todos os systemas religiosos.

(Continúa.)

TEIXEIRA BASTOS.

Deus e Diabo

O homem das civilizações primitivas tende á explicação dos phenomenos naturaes, por meio do antropomorphismo ou do zoomorphismo: se os rochedos se separam das montanhas e rolam até ao fundo dos vales, se o vento sibila, se o raio fende as nuvens, se o trovão estala, se os rios correm, se o céu é ruborizado pela aurora ou escurecido pela tempestade, elle attribue immediatamente estes phenomenos naturaes á influencia de alguma entidade similhante a si ou aos outros animaes.

Atraz de cada acção elle entrevê uma vontade pessoal e suprema como causa immediata; atraz de cada objecto da natureza, uma potencia corporea, occulta, mas não vae além d'isto a sua intelligencia: abysma-se o triste n'este cahos enorme de séres sobrenaturaes.

Estes séres são tambem para o homem primitivo as sombras, as imagens vagas, os espiritos dos antepassados, cuja existencia elle cré perpetuar-se no seio da natureza.

Não são ainda personificações das forças naturaes, pois que a personificação carece de processos de analyse e de abstracção, e este trabalho é muitissimo complexo para as intelligencias do primitivo estado: são apenas os simples auctores invisiveis dos phenomenos.

D'aquí resulta que os espiritos dos amigos são os genios bons, e os dos inimigos os genios maus. Eis o fundo da religião primitiva.

Assim, n'estas epochas remotissimas o Mal é attribuido a diversos séres antitheticos, d'aquelles que só produzem o Bem.

A sciencia sagrada veiu depois subordinar as acções naturaes umas ás outras; dá-se o mesmo com os phenomenos subordinando-se suas causas hypotheticas, efficientes, isto é, os deuses e os diabos; generalizando-se chega-se a synthetisar em dois séres supremos ou em um

só. Com Ahuramazda e Agromanyus, entre os Iranianos, vemos dois; entre os Egypcios igual numero, Osiris e Typhon; entre os Slavs primitivos tambem dois, o *deus branco* e o *deus negro*. Um só vemos entre os Chaldeo-Babylonios e Phenicios, em Baal ou Bel, e entre os Judeus em Jahweh.

É aqui que a criação phantastica Deus produz o Mal e o Bem, d'um modo fatal e periodico, podendo-se marcar o ponto culminante da religião. Deus é tudo. Póde e faz tudo. Por necessidade, bem depressa o monotheismo se decompõe ainda. Não se concebe a idéa de que o Deus unico e omnipotente produza directamente uma immensidade de phenomenos naturaes e sociaes em que muitos são contradictorios. Procuram-se então sêres intermediarios entre o mundo e elle, como era necessario com o terrivel Jahweh que desapiedadamente trovejava contra o seu povo.

Para explicar-se o Mal diz-se que um sêr que Deus havia creado bom e poderoso, se revoltára odiando a criação e o genero humano. Para lhe dar batalha era preciso que o mesmo Deus offendido na sua omnipotencia enviasse ao mundo uma das suas emanações. Foi o *Deus homem*, o Christo que se adora na cruz, o primeiro republicano que viu a luz do dia, como o affirmam ainda muitos dos nossos jornalistas e oradores democratas.

Precisavamos ver como estas entidades chimericas variam nas suas diversas personificações, atravez das idades. Seria um trabalho de longo folego e dos mais interessantes; mas na impossibilidade de o fazermos aqui, limitamo-nos a dizer que desde a mais remota epocha a humanidade tem tido os seus principios do Bem e do Mal, Deus e Diabo. O christianismo, porém, especulando com estas creações simplesmente filhas das superstições primitivas, tem falseado os sentimentos da humanidade no intuito de a trazer acorrentada, e portanto demorado a sua marcha progressiva.

Exerceram tanto poder estas concepções ficticias sobre os nossos antepassados, que elles formando o grande sêr methaphysico andaram constantemente algemados, movidos como simples automatos por duas forças caprichosas e oppostas.

O que é Deus no catholicismo? Um sêr ora bondoso, ora vingador; um despota ou um juiz; um ente misericordioso ou um assassino.

E o Diabo, essa negação suprema? Uma personificação medonha, que se apodera das consciencias, que illude o Bem, que o combate, que o odeia, que aterrorisa e ás vezes tem o maravilhoso dom de tomar fôrmas encantadoras.

É debaixo d'esta idéa ou d'esta impressão, que nasce o inferno e o purgatorio, outras ficções aterradoras dos espiritos atrazados e de-beis, com que o clero estúpido, fanatico ou hypocrita, costuma bestialisar os fieis, torturando as consciencias.

São estas as armas mais poderosas da igreja; morta a crença, ella não poderá mais existir.

As horriveis carnificinas da humanidade motivadas pelo fanatismo d'estas idéas falsas Deus e Diabo, ensanguentaram as paginas da Historia. Os magicos, os feiticeiros, os judeus, os huguenotes, etc., etc., confirmam a verdade do que deixamos dito: toda essa hecatombe medonha da idade média originada pelos dois principios o Bem e o Mal em eterna lucta, occupariam volumes. E as creações malditas d'esse longo periodo, não obstante arrancadas ás concepções primitivas, o fundo de todas as religiões existentes, conseguiram chegar até nós conservando-se na igreja catholica que as dá como entidades sobrenaturaes.

Os prejuizos causados á humanidade por estas falsas noções são conhecidos de todos os que folhearam as paginas da Historia. Actualmente a grande maioria dos espiritos por ellas se acha escravizada.

Derruir, pois, esses dois fetiches da phantasia humana, porque ambos representam o Mal, eis o nosso dever de homens modernos.

REIS DAMASO.

A religião e a familia

(Continuação)

Como animal, o homem está sujeito a duas grandes forças que mais ou menos se manifestam em todos os actos da sua vida: — a conservação individual e a propagação da especie.

Da primeira nasce a luta pela existencia, da segunda a familia.

Esteve sempre a familia na mesma phase em que hoje está?

Envolveu-se sempre na sua instituição o padre de qualquer religião? Não; levados pelos fortes impulsos da reprodução, os homens primitivos, privados de toda a vida psychica, tentavam unicamente a posse das femeas, sem ceremonial, e sem dúvida que ás vezes com violencia como acontece nos animaes inferiores.

Era a animalidade no seu auge; não era só então a instituição da familia que estava embryonaria; todas as outras o estavam igualmente, não exceptuando a religião; o lado especulativo d'esta ainda estava longe.

Muito se tem escripto sobre as origens e evolução da familia, e ultimamente o nosso bom amigo o distincto escriptor positivista o sr. Teixeira Bastos, publicou um excellente volume que muito o honra — *A Familia*, onde analysa esta instituição detidamente.

Basta ler esse livro para cada um formar o seu juizo sobre o casamento religioso.

Reatando o fio da nossa exposição, diremos que para bem comprehender o que seria o homem primitivo bastará olhar para os selvagens nossos contemporaneos, e lermos as narrações de viajantes que têm presenciado as manifestações humanas, taes quaes ellas são, espontaneas e verdadeiras.

Assim o homem primitivo não tinha uma só mulher, nem tinha isto a que nós hoje chamamos lealdade conjugal. Havia a communi-

dade das mulheres; Alfredo Maury, na sua obra — *La terre et l'homme* (4.^a edição, pag. 673) apresenta essa especie de hetairismo notado já por escriptores classicos como Herodoto, Diodoro e Strabão.

Cerimonias conjugaes não as tinha; desconhecia mesmo o parentesco, isto é, não via o nascimento de seres iguaes como consequencia da união sexual.

Sem mesmo remontarmos aos tempos primitivos, para vermos a posse das femeas obtida pelo rapto, pela violencia, temos, por exemplo, o rapto das Sabinas na historia romana, que bem nos prova o quanto se prolongou ainda o uso dos raptos, verdadeiros umas vezes, e outras simulados, como recordação do primeiro caso. Mas a religião até aqui tem estado de parte; vejamos d'aqui por diante.

(*Continúa.*)

JOSÉ DE SOUSA.

A religião como freio

Os espiritos fracos, pusilânicos e hesitantes como os cynicos ou indifferentes em materia de religião, são os factores mais damninhos do estado anarchico da sociedade moderna. Descrentes na religião, convencidos de que a religião é um dogma; o dogma um absurdo e o absurdo um obstaculo ao progresso da humanidade, um élo que nos prende a um retrocesso absoleto, não têm a coragem precisa para franca e abertamente o confessarem.

Mas proclamam a inoportunidade d'essa confissão, outros mais prudentes, methodicos, pusilânicos, encostam-se á velha phrase de que a religião é o freio para conter as massas ignorantes, selvagens e excitadas; os espiritos doentios, propensos ao crime.

Os primeiros desconhecem, ou fingem desconhecer o grande principio de que, para se dizer a verdade sempre é opportuno, e com uma puerilidade metaphysica deixam que os outros digam as mentiras, porque não querem espantar o lobo no covil; proclamam a sciencia como base de toda a educação, e não querem acompanhar a sciencia; dizem-se adoradores da liberdade de consciencia, e não querem contribuir para que essa liberdade de consciencia se torne effectiva, expulsando do coração humano o factor principal da insciencia, da irresponsabilidade, da bestialisação, do fanatismo.

Querem luz e temem-n'a. Esses são os primeiros.

Não dizem que sim, mas também não dizem que não. Acham inoportunamente dizer a verdade, e no entanto vão dando oportunidade para poderem prégar umas theorias absoletas, anachronicas, fanaticas, incitando os cegamente fanaticos contra tudo que é progresso, luz e instrucção.

Os segundos, mais perigosos, não acreditando em Deus, prégam a

necessidade da religião, agarrando-se á velha phrase de Voltaire “de que se Deus não existisse seria preciso invental-o,, e crêem-n’a o freio, o resguardo para a parte da humanidade ainda semi-selvagem, sem se lembrarem que o que torna essa parte da humanidade semi-selvagem é precisamente a religião.

Um pouco de logica destroe por inadmissivel e disparatado esse principio.

Como é que essa religião pôde servir de freio ao crime se ella santifica o crime?

Como se pôde prégar a conveniencia da existencia chimerica de um Deus quando os justos e criminosos são por tudo iguaes nos beneficios e nos castigos que lhe querem attribuir?

A religião é um principio corruptor e perigoso.

Um individuo pôde ser um assassino, um incendiario, um parricida, um ladrão, um devasso, uma creatura repellente e perigosa toda a sua vida, e, no momento final, arrependendo-se, quando já não pôde ser util a si ou á sociedade, tendo um côro de maldições como rasto, confessando os *peccados* a um padre, que pôde ser tão criminoso como elle, fazendo ovações ao culto, caminha direito ao céu.

Como pôde, pois, uma religião d’estas evitar o crime?

As religiões, que podem ter idéas boas, são, todavia, um perigo na sua generalidade.

As religiões, para os povos enquanto creanças são um papão, no estado adolescente uma brincadeira perigosa e depois de formados um abysmo.

A generalidade dos santos que a igreja catholica adora, e a que chama queridos de Deus, são precisamente os que foram mais nocivos á sociedade; os que arrazaram Jerusalem e postaram sobre as muralhas das fortalezas conquistadas as cabeças dos vencidos espetadas nas lanças; são os que prégarão a guerra santa do homem contra o homem; são os que queimaram as virgens e os velhos na Inquisição; os que mataram os judeus; ou aquelles que renegando a sociedade, odiando o homem, foram, como bichos, viver em covis, cobertos de lepra e vermes, com o egoismo bestial de quererem para si o céu.

Nas edades passadas quantos judeus ou outros quaesquer sectarios d’outras religiões matassem, quantos degraus haviam subido na escada para o céu.

Hoje mesmo, matar *pedreiro livre* é fazer jus á canonisação; e os padres prégam o odio, o desprezo áquelles que de frente levantada, proclamam doutrinas contrarias ás suas.

O incesto e todos os crimes são elevados á cathegoria de virtudes, logo que o criminoso pague á igreja a conducção para essas alturas, ou se arrependa.

Os bandoleiros italianos têm a sua Madona a quem dão metade

dos roubos que conseguem fazer; e por aqui se vê que o crime se identifica com a religião.

A religião por melhor que seja, a melhor que haja, é como o pae que dá bons conselhos aos filhos, mas que á noite reparte com elles o producto dos roubos que elles fizeram de dia.

Poderia dizer-lhes que para ganharem o *céo* é melhor serem bons; mas se forem maus não ficam na rua se derem gorgeta ao porteiro, que no nosso caso são os bonzos catholicos, ou se tiverem fé no dono d'esse tal *céo*.

Por isso póde-se ser bom ou mau, que a religião não se lhe dá com isso. A religião nem para a repressão serve; é nulla, e como nulla faça-se desaparecer.

LACERDA E MELLO.

A religião

Considerações geraes

(Conclusão)

É evidente que este terrivel mysterio (Deus) é inexplicavel, ou melhor, que é absurdo, porque sómente o absurdo não offerece explicação. É evidente que todo o individuo que d'elle necessita para ser feliz, para viver, deve renunciar á sua propria razão, e chegar-se quanto possivel á fé primitiva, cega, estúpida, repetindo com Tertuliano, e com todos os sinceros crentes, estas palavras que por si sós resumem a quinta essencia da theologia:

Credo quia absurdum

E aqui cessaria toda a discussão para ficar triumphante a estupidéz da fé, se não se erguesse uma outra questão:

Como póde nascer n'um homem intelligente e instruido a necessidade de crer em tal mysterio?

Que a crença em Deus, creador, regulador, juiz, senhor, amaldiçoador, salvador e bemfeitor do mundo se tenha conservado no povo, e mais nas populações ruraes que no proletariado das cidades, é de todo o ponto natural.

O povo, infelizmente, vive embrutecido e ligado fortemente á ignorancia pelos exforços systematicos de todos os governos que consideram a falta de instrucção uma das condições vitaes da sua força. Esmagado pelo trabalho quotidiano, sem tempo para se dedicar ao estudo, ao convivio moral, á leitura, sem possuir, emfim, a maior parte dos meios, nem o melhor numero de estimulantes, que desenvolvem a reflexão nos seres humanos, o povo acceta as mais das vezes, sem critica, no seu conjuneto, as tradições religiosas que o envolvem desde a mais tenra idade, e em todas as circumstancias da sua vida, artifi-

cialmente mantidas por um sem numero de envenenadores officiaes de todas as cathogorias, padres e seculares, tradições que adquirem entre elle um como que habito mental, communmente mais forte que o seu proprio bom senso.

Ha ainda outra razão que explica e justifica de alguma sorte as crenças absurdas do povo. É a situação miseravel a que elle se acha fatalmente condemnado pela organização economica da sociedade nos paizes mais civilisados da Europa. Sujeito, tanto sob o ponto de vista intellectual e moral, como sob o ponto de vista material, ao minimo da existencia humana, vê-se fechado na vida como um condemnado na prisão, sem horisonte, sem sahida, sem futuro mesmo, e se acreditassemos os economistas, o povo devia ter um animo bem mesquinho, e um instincto tão chato como o da burguezia, para não sentir a necessidade de transformar a sua situação. Para tal empreza, porém, só tem tres meios — dois phantasticos e um real. Os dois primeiros são a taberna e a igreja, o deboche do corpo e o deboche do espirito; o terceiro é a revolução. Este ultimo, melhor que todas as propagandas, será capaz de destruir as crenças religiosas e os habitos depravados do povo, crenças e habitos que se acham mais intimamente ligados do que geralmente se pensa. Em se substituindo os prazeres ao mesmo tempo illusorios e bestiaes da immoralidade moral e material, pelos prazeres tão delicados da humanidade, desenvolvidos em cada um e em todos, a revolução por si só terá o poder de fechar ao mesmo tempo todas as tabernas e todos os templos.

Ha, infelizmente, uma cathogoria de individuos que, salvo honrosas excepções, deve, ao menos, apparentar que acreditam. São os verdugos, os oppressores, os exploradores da humanidade — padres, monarchas, homens de Estado, homens de guerra, financeiros publicos e privados, funcionarios de todas as cathogorias, policias, guardas, esbirros, aguazis, monopolisadores, capitalistas, proprietarios, legistas, economistas, politicos de toda a especie até o ultimo vendedor de agua, todos estes têm que repetir a uma voz a phrase de Voltaire:

Se não existisse Deus era necessario invental-o.

Compreendeis agora? — Necessita-se uma religião para o povo. É a valvula de segurança.

MIGUEL BAKOUNINE.

Miscelanea

CARTA.—Do nosso dedicado amigo Teixeira Bastos recebemos a seguinte carta, que publicamos pela profunda lição que encerra:

Illustres correligionarios:

A vossa manifestação de sympathia por occasião do meu casamento em 8 do mez proximo findo, honrosissima para mim e que perpetuamente conservarei como um documento precioso de dedicação e amor pela liberdade de pensamento, se pessoalmente me lisongeia, não deixa ao mesmo tempo de me entristecer, como livre pensador, por ser na realidade um protesto contra a tibieza de principios e o esquecimento dos mais sagrados deveres sociaes que deploravelmente têm revelado alguns dos nossos correligionarios que criamos firmes e convictos.

Quem cumpre o dever não merece recompensa. Se a recebe, não é ella mais do que um symptoma de que são raros aquelles que n'um meio dissolvente e corrupto, como o nosso, procedem moralmente, conformando os seus actos com as suas palavras e doutrinas. Portanto, n'este caso a recompensa do dever cumprido não é mais do que uma censura indirecta ao procedimento dos que se desviam do caminho do dever e esquecendo-se da propria dignidade e dos seus compromissos sociaes.

Sendo facultado pelas leis o exercicio do Registro civil para os actos da vida particular do cidadão, que necessitam de ser sancionadas pela sociedade como succede entre nós, é um rigoroso e impreterivel dever moral, para todo aquelle que intellectualmente se desligou das crenças officiaes, recorrer a essa fórmula de direito civil para regularisar as suas

relações entre a vida domestica e a vida social, estabelecendo assim o mais intimo accordo entre as idéas, os sentimentos e as acções individuaes. Faltar a este dever representa renegar dos principios e violar os mais sãos dictames da consciencia humana.

Permitti, pois, illustres correligionarios, que vos agradeça o vosso delicado e valioso bilhete de felicitação, mais como um protesto contra os livres pensadores que se curvam aos pés do clero e se sujeitam ao jugo da Igreja catholica, do que como um brinde pessoal, na verdade immerecido.—Vosso correligionario amigo dedicado e obrigadissimo.—Lisboa, 1 de setembro de 1885.—*A Associação Propagadora do Livre Pensamento.*—TEIXEIRA BASTOS.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS LIVRES PENSADORES — *Conselho geral para 1885.* — João Boichot, professor, antigo representante do povo; — R. de Goey, publicista; — Adolpho Deluc, professor; — Celestino Demblon, publicista; — Hector Denis, professor da Universidade; — Cezar de Paepe, doutor em medicina; — Gustavo de Rothmaler, capitalista; — Emilio Gorissen, engenheiro; — José Nyns-Lagye, director de collegio; — Adolpho Van Caubergh, advogado e camarista.

INGLATERRA. — *Associação Nacional dos Livres-pensadores.* — Esta associação tem em Londres 22 agrupações e nas provincias acha-se ramificada em 72 povoações das principaes do reino-unido. Cada uma d'estas agrupações desdobra-se u'um grande numero de filiaes, de modo a activarem energica e decididamente a propaganda anti-religiosa. O seu objectivo não é o padre — é Deus, é a base sobre que assentam as religiões.

FRANÇA. — Duas grandes associações propagam em França o livre pensamento — *A União Democratica de Propaganda Anti-clerical*; e a *Liga Anti-clerical, União Franceza*. Essa ultima compõe-se de 300 associações.

Conferencias de propaganda

O CENTRO DE LISBOA, da *Associação Propagadora do Livre Pensamento*, cumprindo o programma exarado nos seus estatutos, fez já realizar duas conferencias de propaganda: uma, pelo sr. José de Souza, na sala da *Federação Nacional*; outra, pelo sr. Julio Maria Baptista, na sala do *Club Anselmo Xavier*.

3.^a conferencia.— Domingo, 18 de outubro, pelas 8 horas da noite.— Sr. Eduardo de Almeida, no *Club Passos Manuel*, rua do Salvador, 85, 1.^o andar.

4.^a conferencia.— Domingo, 2 de novembro, pelas 8 horas da noite.— Sr. J. M. da Conceição Fernandes, no *Club Republicano Federal*, travessa das Bruxas, 42, 1.^o andar.

5.^a conferencia.— Domingo, 17 de novembro, pelas 8 horas da noite.— Sr. Azedo Gnecco, no *Centro Operario de Lisboa*, calçada do Cascão, 15, 2.^o andar.

Associação Propagadora do Livre Pensamento

CENTRO DE LISBOA

Rua das Canastras, n.º 22, 1.º andar

É convocada a reunir a assembléa geral no dia 22 do corrente, pelas 8 horas da tarde, na sua séde provisoria — Rua das Canastras, 22, 1.^o andar.

Ordem dos trabalhos: — Relatorio da Junta-Executiva ácerca dos trabalhos feitos; — Preenchimento dos cargos vagos.— O secretario, *B. Rodrigues*.

Expediente

A administração e a redacção do *Livre Exame* pedem desculpa das irregularidades havidas na distribuição do órgão do *Centro de Lisboa da Associação Propagadora do Livre Pensamento*, motivadas pelos trabalhos de organização.



A redacção pede aos srs. collaboradores o favor de mandarem os seus escriptos até ao ultimo dia de cada mez, afim de haver tempo para a regular publicação do *Livre Exame*.

O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Canastras, n.º 22, 1.º — Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA EM TODO O PAIZ

3 mezes.....	120 réis
6 «	240 «
1 anno	480 «

Pagamento adiantado